

Pecuária Sustentável



Welles Pascoal

Diretor de Marketing da Dow AgroSciences

Futuro

Pensando no futuro e obviamente em sustentabilidade, não podemos deixar de perceber que o significativo aumento do PIB que vem ocorrendo em importantes países em desenvolvimento vem também colaborando para o aumento do consumo de alimentos.

A Dow AgroSciences continua comprometida com a busca e obtenção de soluções inovadoras e sustentáveis, para que seja promovido o aumento da produção agropecuária como resultado do aumento da produtividade por hectare. Com esse pensamento, lançamos recentemente o CONVERT* HD364, uma inovadora forrageira que é hoje a única *Brachiaria* híbrida disponível no mercado que alia características desejáveis da *B. brizanta*, da *B. ruziziensis* e da *B. decumbens*.

Ao proporcionar um melhor desempenho como forrageira de alta tecnologia para pastejo contínuo, o CONVERT* HD364 ajuda a aumentar a produtividade da carne e do leite dos ani-



mais na propriedade, representando, assim, uma real oportunidade de incremento nos lucros dos pecuaristas e, também, auxiliando os produtores a atingirem novos patamares de produtividade por hectare de forma sustentável, reduzindo a necessidade de abertura de novas áreas de pastagem, visando ao aumento da produção.

Olhando pela ótica financeira, outra solução da Dow AgroSciences que contribui para a Pecuária Sustentável é o *Beeftrade*, uma nova modalidade de negociação em pecuária, que transformou o ato de comprar produtos da Linha Pastagem. Essa ferramenta permite aos pecuaristas de todo Brasil comprar produtos da Dow AgroSciences em sua moeda, arrobas de boi gordo. O objetivo é otimizar recursos para tornar acessível ao produtor o que existe de mais avançado em tecnologia.

Estamos certos de que a pecuária sustentável é a melhor solução para diversos desafios que temos pela frente, especialmente o de atender à crescente demanda de proteína animal em todo o planeta. A Pecuária Sustentável não é um modismo, é uma necessidade para atender aos padrões ambientais, sociais e econômicos, com foco na sustentabilidade da pecuária brasileira. Por isso, a Dow AgroSciences continuará a desenvolver soluções que ajudem a aumentar a produtividade de maneira responsável.



Mario Von Zuben

Diretor de Registros e Relações Institucionais

Modelos sustentáveis para a pecuária

O Brasil é um país no qual a necessidade de uma gestão cuidadosa da atividade pecuária é latente. Durante décadas, a criação de gado avançou em um contexto de ampla disponibilidade de terras e baixa tecnologia. Isso resultou em amplas áreas alteradas para abertura de pastagens, quase sempre de escasso valor nutritivo e baixa capacidade de ocupação. Impor limites e reduzir a produção não solucionarão esse problema. Pelo contrário, as exigências aumentam. Daqui a 40 anos, em 2050, o mundo terá nove bilhões de habitantes, o que demandará dobrar a produção mundial de alimentos, principalmente de proteína animal, para atender a esse crescimento.

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de carne e o maior exportador. O País tem papel primordial nas soluções desses problemas. Visto isso, durante o Fórum de Sustentabilidade, realizado pela Dow Brasil em outubro, foram apresentados os resultados do projeto Pecuária Sustentável, que visa discutir as soluções e os modelos sustentáveis para o setor.

O projeto está apoiado em três pilares: tecnologia, financiamento e disseminação. O objetivo foi validar ações prioritárias, bem como discutir os desafios de implementação que servirão de guia e referência para desenvolvimento de projetos focados na sustentabilidade da pecuária brasileira. O valor a ser gerado por esse projeto se concentra na discussão, na captura, no alinhamento e na divulgação de temas relevantes para a pecuária sustentável.

Participam da iniciativa do projeto Pecuária Sustentável: o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o Ministério do Meio Ambiente, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), a Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), a Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB), a Associação dos Criadores do Mato Grosso (Acrimat), o Banco do Brasil, a Boviplan, a Scot Consultoria, a Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o Banco JBS, a WWF, o TNC, a Aliança da Terra, o IFC, o Instituto de Zootecnia, a Associação dos Profissionais de Pecuária Sustentável (APPS), o Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS), o Instituto Ares, a Universidade Federal do Mato Grosso, a Embrapa, a Esalq - USP, o Pensa, o Rabobank, a Dow AgroSciences e a Dow Brasil que patrocinou o Fórum.

Nossa vivência mostra que a maior parte dos pecuaristas brasileiros está aberta para receber novas ideias. Juntos, esperamos trabalhar a favor da sustentabilidade e do futuro promissor da pecuária brasileira.

Desafio do sistema agroindustrial da pecuária

Samuel Giordano

Pesquisador Sênior - Pensa

Como o País se tornou o maior exportador de carne bovina do mundo, a carne brasileira assumiu posição de destaque no contexto internacional. Por conta de fatores intrínsecos e característicos, a sua produção é predominantemente feita a pasto.

A desconfiança do consumidor internacional com as práticas utilizadas na criação pecuária de muitos países carentes de espaço geográfico desaguou nas trágicas notícias da Encefalopatia Espongiforme Bovina, conhecida como o mal da vaca louca.

Com um dos maiores rebanhos do mundo, o Brasil necessita de investimentos em manejo de pastagens, racionalização da tecnologia já existente e melhorias contínuas em todas as fases dos processos de produção: sanidade, processamento, comercialização, distribuição, rastreabilidade e outros.

Assim, a questão da produtividade assume um tom de urgência e gravidade nos fóruns de discussão da pecuária bovina. A questão da capacitação dos recursos humanos requer especial atenção por parte dos componentes envolvidos no sistema agroindustrial da pecuária.

Os consumidores mais conscientes e bem informados começam a solicitar produtos com processos mais amigáveis de produção, ao longo da cadeia de custódia, do ponto de vista socioambiental. Isso não é diferente com a celulose e o papel, produtos oriundos das indústrias de base florestal, nem com o café, a soja, o óleo de palma e nem o será com a carne bovina.

O mundo, ávido pelas quantidades e pelos preços, volta-se para a qualidade e os processos de produção, temeroso pelo amanhã desconhecido, pelos efeitos dos gases estufa, pelo aquecimento do planeta e pelas mudanças climáticas. A preservação da biodiversidade, da água, dos fragmentos de alto valor de conservação, do solo, das comunidades tradicionais e indígenas, das comunidades rurais de trabalhadores, de proprietários ru-

Brasil: Números da pecuária

- **1,8 milhão** de propriedades rurais;
- **7 milhões** de empregos;
- **36 milhões** de bovinos abatidos por ano;
- **37,3 quilos** de consumo por brasileiro ano;
- **560 curtumes**;
- **4.150 indústrias** de calçados;
- **100 indústrias** de armazenagem;
- **700 indústrias** de carne e derivados;
- **55.000 estabelecimentos** de varejo.

Fonte: Embrapa



Saulo

Mundo: Exportação de carne bovina. 1000 t eq. carc.

País	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Brasil	2.134	2.405	2.534	2.163	1.926	1.906
Índia	617	681	678	672	675	700
EUA	316	519	650	856	785	837
Austrália	1.388	1.430	1.400	1.407	1.390	1.350

Fonte: Usda/MDIC/Secex

rais, de fazendeiros, de sitiantes, de colonos e ocupantes indica a direção da sustentabilidade nas produções envolvendo o produto do campo até o garfo.

Assim, surge a demanda por produtos mais sustentáveis e, dentre eles, a carne.

A preocupação ao longo do sistema agroindustrial da pecuária bovina envolve a comunidade científica, representantes de classe, indústria frigorífica, indústria de insumos e sementes, academia, consultoria e extensão, entidades financeiras, exportadores, governo, organizações não governamentais.

Antecipando-se aos movimentos do mercado e da sociedade e marcando presença para manter e crescer em competitividade no cenário mundial, esses segmentos se reuniram em um fórum para discutir a questão do milênio: a sustentabilidade da pecuária bovina.

Coordenados pelos pesquisadores do Pensa – Centro de Conhecimentos em Agronegócios da USP –, esses valores humanos participaram de três sessões de mesas-redondas: duas de discussão e proposição e outra final para apresentação de propostas iniciais de trabalho.

Reunir e coordenar talentos não é tarefa fácil. Isso só foi possível graças à:

- Forte cooperação, motivação e sensibilidade do grupo envolvido;
- Adoção da metodologia de gestão estratégica, aplicada de forma racional, estruturada e objetiva.

As respostas foram muito positivas. Trata-se de resultados prévios. Este é um processo de construção coletiva e contínua. Dessa forma, a validação das ideias é mais fácil e relevante.

Ainda há muito para se fazer, mas os caminhos estão dados e os rumos apontados. Cabem aos participantes e às partes interessadas os movimentos estratégicos desse xadrez gigante que é o mercado internacional de carnes.

Fernando Sampaio

Coordenador de Sustentabilidade da Abiec

Desafio Mercadológico

O Brasil produz 9,2 milhões de toneladas de carne bovina. É o segundo maior produtor e o maior exportador do mundo. As exportações deste ano, na sua maioria para os mercados em desenvolvimento, como a Rússia e países da Ásia e do Oriente Médio, deverão render mais de US\$ 5 bilhões. No entanto, cerca de 80% de nossa produção são destinados ao mercado interno.

O trabalho Long Term Meat Studies, do Gira, consultoria internacional especializada no comércio internacional de carnes, estima aumento de 3,6 milhões de toneladas no consumo mundial de carne bovina até 2020. O Brasil é apontado como o potencial fornecedor dessa demanda. O peso populacional e o crescimento em renda *per capita* irão consolidar os mercados em desenvolvimento como destinos preferenciais de nossas exportações.

A questão é: estes mercados estarão dispostos a pagar o preço de uma carne produzida de forma sustentável, que preserva os recursos naturais do País, a começar pelo próprio mercado brasileiro, de longe o maior comprador de sua produção?

O trabalho Brasil Food Trends 2020, publicado neste ano pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e pelo Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital), identificou o perfil do consumo de alimentos no País.

Brasil: Tendência para o consumo de alimentos

	% População
1º Conveniência e praticidade	34
2º Qualidade e confiabilidade	23
3º Sensorialidade e prazer	23
4º Saudabilidade e bem-estar e sustentabilidade e ética	21

Fonte: Brasil Food Trends 2020

O grupo menos representativo, o quarto, trata de alimentos com o benefício à saúde, mas também dos consumidores de selos de qualidade e as informações sobre a origem dos alimentos. A busca pela qualidade de vida se traduz como um ideal mais amplo com a integração da sociedade e do meio ambiente.

Em certos setores da sociedade, existe uma concepção disseminada de que a sustentabilidade na pecuária poderia ser alcançada com o uso de protocolos para determinar as práticas de produção consideradas aceitáveis do ponto de vista da sustentabilidade.

Apesar de estarem disponíveis, os protocolos de certificação socioambiental são inaplicáveis em larga escala no Brasil, a não ser em nichos de mercado específicos e bem remunerados.

Apesar disso, como entende a certificação como a melhor saída, os mesmos setores da sociedade enxergam a indústria da carne



como a ferramenta para impor a regularização fundiária, trabalhista e ambiental, além de critérios além da legalidade ao setor produtivo.

Essa visão é desastrosa, porque, além de transferir ao setor privado responsabilidades do poder público, desenha o futuro com um mercado dividido entre:

- Um pequeno grupo de produtores capazes de aplicar os critérios exigidos, com vendas aos grandes frigoríficos, sufocados economicamente, sem condições para operar e adquirir a matéria-prima na escala econômica viável, com produto para comercializar a um custo de produção inflacionado;
- Uma grande maioria, excluída das vias normais de comercialização, jogada no mercado informal, reconhecido por não aplicar sequer critérios sanitários em suas cadeias de fornecimento, e o que se dirá de critérios socioambientais.

Conscientes do valor da ética e da sustentabilidade no mercado, as associadas da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) não renunciam às suas responsabilidades: as discussões sobre a rastreabilidade brasileira, o monitoramento do desmatamento de fornecedores da indústria na Amazônia e os critérios socioambientais aplicados na compra de bovinos apresentam avanços consideráveis.

Apesar dos problemas pontuais nas áreas da fronteira pecuária, as taxas de desmatamento caem a níveis recordes no País; em 20 anos a produção de carne brasileira aumentou em 227% para um aumento de área de apenas 4%, um salto de produtividade bem acima da média mundial; e a emissão de metano por quilo de carne produzida caiu 29%, a maior redução entre os países produtores. A sustentabilidade na pecuária se realiza na prática, em grande parte pelo acesso à informação e a novas tecnologias.

Com imenso potencial de crescimento em produtividade, a pecuária brasileira terá capacidade de suprir o mercado interno e o de exportação, sem afetar os seus recursos naturais.

A iniciativa da Dow Agrosociences tem o louvável mérito de buscar soluções para democratizar o acesso às verdadeiras chaves para esse futuro sustentável da pecuária brasileira: o conhecimento e a tecnologia.

Patrícia Perondi Anchão Oliveira

Pesquisadora da Embrapa Pecuária Sudeste

Interface com a pesquisa científica

A produção pecuária brasileira, além de atender ao mercado interno, contribui muito para a estabilização econômica e social do País. O Brasil se consolidou como o detentor do maior rebanho comercial do mundo e se destaca no cenário mundial com as exportações de carne.

As estimativas são de que a produção nacional das carnes de bovinos, suínos e aves passará das atuais 24,6 milhões para 37,2 milhões de toneladas em 2018 (AGE/Mapa). Uma das preocupações com esse grande crescimento está relacionada com o tratamento a ser dispensado às questões ambientais e de sustentabilidade.

Atualmente, o setor produtivo da pecuária é cobrado no sentido de melhorar os seus índices de produtividade pela adoção dos sistemas melhorados de produção e recuperação e intensificação das pastagens.

Com isso, a pecuária ficará mais sustentável para:

- Diminuir a pressão de desmatamento sobre a floresta;
- Diversificar as propriedades pecuárias;
- Disponibilizar as áreas para agricultura e agroenergia;
- Colocar os produtos pecuários mais próximos dos centros consumidores; e
- Melhorar a imagem nacional e internacional da pecuária brasileira.

Neste contexto, as instituições de pesquisa brasileiras trabalham em projetos para o desenvolvimento de metodologias que detectam, avaliam e mitigam os riscos ambientais. Ao mesmo tempo, aprimoraram normas e mecanismos de garantia da qualidade, da segurança e da rastreabilidade de

produtos da pecuária. Essas ações visam ofertar produtos seguros e ambientalmente corretos para o mercado nacional e internacional.

O desenvolvimento de novas tecnologias de produção sustentável contempla as boas práticas pecuárias e os mecanismos de desenvolvimento limpo. Para aumentar a produtividade, com respeito ambiental e social, são exemplos de tecnologias já consolidadas:

- A recuperação e a intensificação das áreas de pastagens;
- Os sistemas integrados lavoura, pecuária e silvicultura.

A transferência de tecnologia e as questões econômicas exigem esforços na interface entre as entidades governamentais, os setores de pesquisa e extensão junto com os elos da cadeia produtiva. É preciso mostrar comprometimento nesse sentido. Muitas vezes, diante da falta de resultados pontuais, os especialistas responsáveis pela elaboração dos Inventários de Emissão e Remoções Antrópicas de Gases de Efeito Estufa (GEE) adotam padrões internacionais de emissão (*defaults*) inadequados e desfavoráveis às condições brasileiras.

Outro fato importante é a percepção de que a recuperação e a intensificação das pastagens possuem potencial de mitigação dos impactos ambientais das emissões de gases de efeito estufa decorrentes, principalmente, da emissão de metano entérico dos bovinos e da emissão de óxido nitroso pelas dejetos animais.

A pesquisa precisa considerar o balanço entre as emissões de GEE e os sumidouros de C para levantar a existência ou não desse pretensão potencial de mitigação das pastagens e do componente arbóreo dos sistemas pecuários melhorados. Também o manejo das áreas com pastagens nativas pode promover a biodiversidade local, além de contribuir para a preservação de importantes biomas brasileiros, como o Pantanal, a Caatinga e a região dos Pampas.

O grande desafio está na execução de estudos em redes de pesquisa, com vários tipos de especialistas, para desenvolvimento de projetos multidisciplinares repetidos de forma espaço-temporal. Tratar a complexidade dos estudos simultâneos nos compartimentos “solo-planta-animal-atmosfera” e suas relações com as questões econômicas, ambientais e temporais presentes nos diferentes sistemas de produção da agropecuária brasileira.

A organização das informações obtidas deve atender aos anseios de nossos parceiros comerciais, da comunidade científica internacional, da sociedade de maneira geral, dos responsáveis pelos inventários nacionais e regionais de emissões e remoções antrópicas de GEE. Deve ser evitado o uso de padrões de fatores de emissão de GEE inadequados (*defaults*) para as condições brasileiras. Os resultados deverão ser tratados de forma imparcial, transparente e adequada quanto à organização, ao armazenamento, à análise, especialização, divulgação e reportação dos mesmos à sociedade.

MERCADO GLOBAL

Grande demanda e oferta limitada

O cenário internacional é de disponibilidade limitada e preços firmes na carne bovina. A Austrália enfrenta longas estiagens com as mudanças climáticas no decorrer desses últimos oito anos. Na Argentina, o governo endurece e restringe as exportações. Os EUA deparam com pressão nos custos de produção da criação estabular, dependente de grãos. Na UE, o baixo ritmo da atividade econômica não atrai investimentos na criação, e o consumo prossegue em estabilidade.

Esse ambiente de fraca possibilidade de expansão mais forte na oferta, de certa forma, abre espaço para o Brasil aproveitar as oportunidades no mercado mundial. Mas a pecuária nacional também carrega seus graus de dificuldades. O seu rebanho ainda está em fase de recomposição do longo período de alto abate de fêmeas, enquanto os preços dos animais de reposição encarecem os custos dos confinamentos. Por sua vez, com a renda interna em crescimento, o consumo também avança.

Brasil: Previsões para a carne bovina (milhões de t)

Item	Safra 2008/09	2019/2020
Produção	7,83	9,92
Exportação	1,69	3,09

Fonte: AGE/ Mapa

Mundo: demanda de alimentos

	2006	2050	Variação %
Produção (milhões de t)			
Cereais	2.100	3.000	42,85
Carnes	200	463	131,50
População (BILHÕES DE PESSOAS)			
Urbana	3,32	6,44	93,97
Rural	3,38	2,76	-99,18
Total	6,80	9,20	35,29

Fonte: FAO/2009

Mais proteína animal

Em seu relatório anual sobre a Situação da Agricultura e dos Alimentos, a FAO prevê, até 2050, que a produção global anual de carne irá para 463 milhões de toneladas e o rebanho bovino de 1,5 bilhão de cabeças para 2,6 bilhões. Isso ampliará a demanda por grãos para ração em 553 milhões de toneladas no período. A pecuária tanto contribui quanto sofre com a mudança climática e deve ser desenvolvida de uma maneira ecologicamente correta ou vai elevar a pressão sobre o uso de terras, água, ar e sobre a biodiversidade.

Do lado externo, depois de reduzirem a compra de carne com a crise financeira mundial no segundo semestre de 2008, os mercados na Ásia e no Oriente Médio retomaram as importações para fortalecer a baixa nos seus estoques.

Com tudo isso, não há como traçar uma expectativa de reversão para baixo nos preços do boi gordo. Bom para o pecuarista conseguir melhorar a sua capitalização e ter condições para reinvestir na produtividade do rebanho. Mas o movimento de alta nos preços tem seu ponto de inflexão. Isso fica mais evidente à medida que os valores ultrapassam o patamar de US\$ 50 a arroba e os consumidores buscam outras preferências. Até mesmo os frigoríficos sentem as dificuldades financeiras para darem escala de abate às suas plantas. Afinal: quem poderia imaginar a cotação da carne bovina brasileira chegar a tão alto nível como este de 2010?

Situação dos grandes players da carne bovina

Argentina

Com as medidas contra as exportações, sofre diminuição de investimentos, e a produtividade não cresce. Com isso, o rebanho e a produção encolhem.

Índia

Com rebanho de 280 milhões de cabeças, tem potencial para crescer nas exportações. Um leve aumento no desfrute indiano gera excedente (o consumo interno é baixo) exportável com preços competitivos. No entanto, boa parte da carne produzida é de búfalo, para mercados menos exigentes.

Estados Unidos

Maiores produtores mundiais de carne, também devem exportar mais. O Usda prevê aumento de 60% nas exportações para a próxima década. O elevado consumo interno impede maiores volumes exportados. São o segundo maior importador mundial, seguidos pela Rússia.

Mundo: A bovinocultura de corte nos principais países

Item	EUA	Austrália	Argentina	Canadá	Brasil
Rebanho ¹	94,49	27,32	54,26	13,18	185,0
Desfrute	36%	31%	28%	29%	20,7%
Produção ²	11.816	2.100	3.200	1.300	8.935
Consumo ²	12.310	745	2.642	1.080	7.410
Exportação ²	785	1.390	560	475	1.555
Abate ¹	34,24	8,60	15,00	3,88	40,35

Fonte: USDA - outubro de 2009. 1 milhões de cabeças. 2 mil t eq. carcaça.





BRASIL

Virada no ciclo da pecuária

As evidências são claras na indicação de uma virada no ciclo da pecuária nos últimos anos. Depois de abates elevados de matrizes entre 2002 e 2006, escasseiam bezerros, novilhos e animais magros. De junho de 2007 a outubro de 2008, veio a alta do boi gordo, do bezerro e do boi magro, junto com a queda da taxa de abate de fêmeas. Para o criador, ficava desestimulante o confinamento em 2008.

Mesmo com a economia bastante aquecida no primeiro semestre de 2008, desde janeiro de 2008, o comportamento da UE passou a ser de interrogação com relação às importações do Brasil. Depois, em outubro de 2008, a crise financeira mundial trouxe uma dificuldade geral para os embarques.

Diante dos investimentos acumulados pelas indústrias frigoríficas até 2008, a capacidade anual de abate chegou a mais de 70 milhões de cabeças. Aparentemente, essas aplicações pareciam boas, mas não aconteciam no momento adequado. Mas, em 2008, o abate de bovinos teve brusca queda no terceiro e no quarto trimestre, na esteira da crise financeira mundial, que levou várias indústrias à falência.

Deu-se, então, o início de um período crítico, marcado pelos pedidos de recuperação judicial de alguns dos principais frigoríficos do País. Era uma sucessão de assembleias que acontecem para definir o plano de recuperação das empresas e o pagamento das dívidas com os produtores.

Em 2009, dois fatos ficaram marcantes:

- 1º As recuperações judiciais pedidas pelos frigoríficos;
- 2º As grandes aquisições e incorporações realizadas pelos grandes frigoríficos (JBS, Marfrig, Minerva).

Também em 2009, face à acentuada diminuição nos volumes exportados, o ritmo de abate continuou baixo e até diminuiu, enquanto a produção foi redirecionada para o consumo interno. Já os prejuízos gerados a partir do pedido de recuperação dos frigoríficos ainda colocam obstáculos para os criadores honrarem seus compromissos até os dias atuais.

Exportação de carne bovina

A crise iniciada em 2007 com a diminuição das vendas para a UE tornou as relações comerciais entre produtores e indústria mais difíceis. De acordo com a Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), com mais de R\$ 1 bilhão de receita a receber dos frigoríficos, em situação debilitada, pela falta de capital de giro, os criadores querem receber à vista.

Consolidação em marcha

Além da marca, do potencial de crescimento e do valor agregado, outros fatores importantes são a escala, a diversificação de produtos e a localização geográfica das empresas. As companhias com mais escala geralmente possuem custos menores, posicionamento forte em relação aos consumidores e opções de financiamento, como o mercado de capitais ou injeções de recursos do BNDES.

O BNDESPAR é o acionista estratégico de enormes corporações com o JBS (23% do capital), o Marfrig (11,6%) e também o Independência (22%). A diversificação de produto ajuda a reduzir o impacto das variações na demanda. Já a diversificação geográfica diminui riscos com problemas sanitários, por exemplo. Em 2009, a consolidação das grandes corporações frigoríficas e a pressão dos agentes financeiros trouxeram mudanças no modelo de administração de diversas organizações.

Para superar o impacto da crise financeira mundial iniciada no quarto trimestre de 2008, a cadeia produtiva da pecuária reestrutura as suas negociações com os fornecedores e distribuidores de carne, com mudanças no processo administrativo. As operações a termo e contratuais crescem nas compras de animais, enquanto a indústria investe em confinamentos de alta escala para garantir o seu abastecimento de matéria-prima.

Para amenizar, neste ano, os preços de exportação voltaram a subir em que pese a valorização do real em relação ao dólar. Os exportadores conseguem renegociar preços, justamente por causa do dólar mais fraco.

Os pecuaristas que se ajustaram às regras de rastreabilidade ficaram frustrados. Isso explica parte do baixo interesse por animais de reposição.

Brasil: Abate de bovinos

Trimestre	2007	2008	2009	2010
1º	7.957	7.239	6.446	7.075
2º	7.744	7.576	6.844	7.587
3º	7.625	7.141	7.216	
4º	7.386	6.678	7.479	
Total	30.712	28.634	27.985	-

Fonte: IBGE

Firmeza dos preços

Em 2010, a situação de liquidez dos criadores melhorou com a retomada das exportações das carnes brasileiras e do acesso a crédito aos níveis pré-crise financeira global. A oferta de bovinos para abate esteve abaixo da esperada. Com a disponibilidade ajustada, os frigoríficos encontram dificuldades para comprar animais, e os preços se firmaram.

A capacidade de abate está elevada, por causa dos altos investimentos em plantas de abate de bovinos antes da crise de 2008 e pelo fato de as unidades deixarem de operar com a falta de matéria-prima. O rebanho se recompõe de forma lenta.

Tradicionalmente, a disponibilidade de animais para abate é menor durante o período de inverno. Neste ano, no entanto, a situação ficou mais crítica por duas razões:

1º A valorização dos preços do boi gordo no mercado interno reflete o expressivo aumento na taxa de abate de matrizes nos últimos anos. Sem renda suficiente, os pecuaristas abateram boa parte do rebanho, a maioria de fêmeas. Em anos normais, o abate de fêmeas oscila entre 22% e 25%. Há três anos, no entanto, esse índice atingiu o pico de 47%.

2º O longo período de seca e as queimadas destruíram as áreas de pastagem, cuja recuperação levará tempo. Como isso retardará o processo de engorda a pasto, os preços do boi gordo podem continuar firmes, em alta, mesmo com a chegada das chuvas.

Nesse cenário, as indústrias não conseguem recorrer à estratégia de completar as escalas de abate com fêmeas, prática comum nos últimos anos. Como não há lotes de fêmeas disponíveis, a única alternativa é comprar lotes de boi gordo.

Diante da redução dos embarques destinados para a UE, as plantas de abate colocaram em segundo plano o caráter de urgência por animais com rastreabilidade, cujos preços variavam em função da região, do lote e da necessidade da compra.

Brasil: Exportação de carne bovina in natura para a UE

Ano	Mil toneladas	US\$ milhões
2000	104	338
2001	125	341
2002	128	353
2003	163	496
2004	224	890
2005	295	914
2006	314	1.160
2007	195	1.087
2008	36,2	270
2009	44,7	297

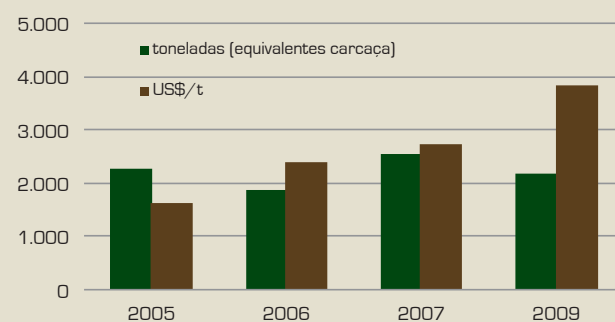
Fonte: Secex/MDIC

A estação de inverno mais fria e seca deste ano afetou a engorda dos animais, seja a pasto como os semiconfinados. Para ter melhor rentabilidade, afetada pelos altos preços pagos para reposição dos animais, os criadores seguravam os lotes prontos na espera de melhores preços. Essa característica marcou a entressafra iniciada no fim de maio.

Por sua vez, as compras em outros locais, os abates de animais já contratados e provenientes de confinamentos próprios representavam alternativas impossíveis para a grande maioria dos frigoríficos.

Com a disponibilidade de boi gordo apertada, as indústrias entraram no segundo semestre de 2010 com problemas para programar as suas aquisições. Os negócios passaram a ser fechados com maiores valores e prazos mais curtos. Poucos pe-

Brasil: Exportação de carne bovina



Fonte: Secex/MDIC

cuaristas estavam em condições de aproveitar esta boa oportunidade de mercado.

Para os frigoríficos, a decisão depende do preço da matéria-prima, que acumula um quinto de alta entre janeiro e outubro deste ano, com a possibilidade de acesso a crédito a juros adequados. Esse balanço forçou muitas unidades industriais a reduzirem seu ritmo, com queda na oferta de carne e pressão nos preços dos cortes no pico da entressafra.

Valorização do gado de reposição

Enquanto os preços pagos pelo boi gordo se mantêm, a valorização do gado de reposição (bezerros) e do boi magro para confinamento demonstra o reaquecimento da cadeia de gado de corte. O melhor sinal de investimento na criação é emitido pela maior retenção de matrizes, com tendência de crescimento depois de 2006 quando, em junho, o valor deflacionado da arroba em São Paulo atingiu o menor patamar em mais de 30 anos.

Neste ano, apesar do movimento de queda nas escalas de abate, as dificuldades na aquisição de bovinos prosseguem, e o preço da arroba mostra firmeza, depois de três anos de fraco desempenho. Essa reação resulta da combinação de fatores como:

- O consumo mais forte, por causa do efeito de maior renda da população;
- Falta de chuvas que penaliza a qualidade dos pastos e retarda a terminação do gado;
- Recomposição do rebanho abaixo do ritmo necessário.

Nesse processo dois aspectos merecem atenção:

- 1º Melhoria da qualidade genética do rebanho nacional;
- 2º Retomada do abate de fêmeas, próximo da taxa ideal de 34%.

Em vários momentos nos últimos anos, porém, o índice de abate de matrizes esteve bem mais alto. Essa é a melhor explicação para a queda na produção e o maior preço de bezerros, que se tornam bois gordos em cerca de dois anos.

No curto prazo, a maior oferta de animais dos sistemas de confinamento constitui uma hipótese descartada, principalmente em função da valorização do boi magro na primeira metade do ano. Com isso, permanece viva a perspectiva de boa remuneração para o pecuarista.

Outra baixa no confinamento

Com a oferta escassa de boi para abate pelos frigoríficos, o confinamento de gado recuou de forma expressiva no País, de acordo com estimativa da Associação Nacional dos Confinadores (Assocon). Essa queda decorre do menor:

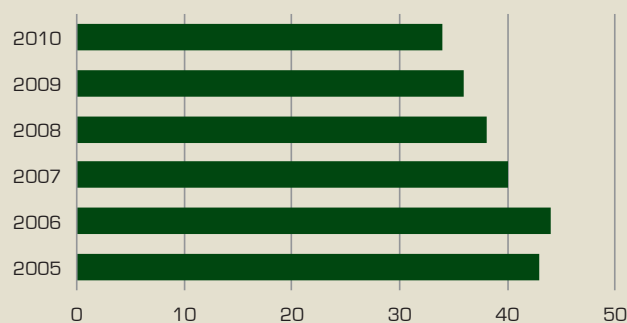
- 1º - Preço da arroba sinalizado no mercado futuro para setembro e outubro: R\$ 78,00 no boi gordo e R\$ 90 no boi magro. A margem estava negativa mesmo com os preços favoráveis para os grãos;
- 2º - Estoque de animais entre 300 a 400 quilos para serem colocados na engorda intensiva, até alcançarem os 500 quilos, entre 2002 e 2006;
- 3º - Número de bezerros produzidos com elevado abate de matrizes em função da descapitalização dos criadores até 2006;
- 4º - Tempo para recompor o rebanho de animais mais novos.

A baixa disponibilidade de bois confinados agravou a situação registrada no começo do semestre quando a arroba passou a subir de forma substancial. Além disso, a seca deste ano, iniciada cedo, no fim de março, na região Centro-Oeste também afetou a engorda dos animais de pasto.

Houve apenas precipitações esporádicas, e a previsão era de chuvas para fim de outubro. Muito boi no pasto perdeu peso e somente terá melhor condição de abate depois de novembro.

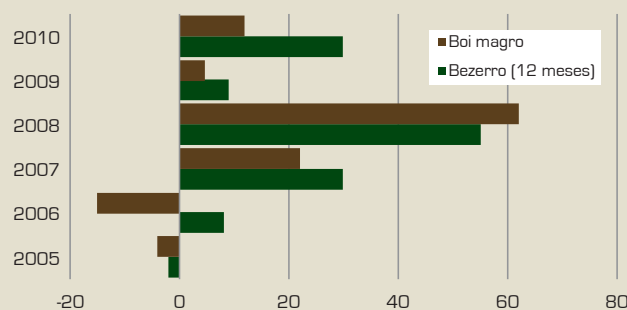
O governo poderá contribuir para a recuperação da oferta de bovinos de corte, com créditos adequados para o pecuarista investir na reforma das pastagens e reter rebanho para aumentar o número de bezerros.

Brasil: Taxa de abate de matrizes na pecuária (%)



Fonte: Sondagem Agroanalysis

Brasil: Variação de preço no primeiro semestre (%)



Fonte: Sondagem Agroanalysis

Prática secular

O confinamento de bois é desenvolvido sob uma gama de variações regionais no Brasil em termos de escala, estrutura, mecanização e tecnologia. O sistema é predominado por criações anuais de até três mil animais, relacionados ao ciclo completo ou à recria e à engorda. Os grandes confinamentos normalmente resultam de investimentos empresariais oriundos de outros setores e das unidades frigoríficas. A capacidade estática para a engorda passa de dez mil animais.

Conforme as suas variações, os confinamentos operam com insumos diferentes e adotam estratégias específicas para a compra e a venda de animais. Cada unidade pode ter a sua gestão peculiar, mas o objetivo visado é uno: o lucro.

Especialistas estimam cerca de 1.500 propriedades dedicadas ao confinamento no Brasil, sendo que ao redor de três quartos da produção brasileira de gado confinado estão concentrados nos Estados do Centro-Oeste (GO, MT e MS) e Sudeste (SP e MG). Essas regiões contam com os insumos, as matérias-primas e as condições para o confinamento.

A prática do confinamento é secular. Existem gravuras do Egito antigo com indivíduos tratando da alimentação dos bovinos. O confinamento consiste justamente em oferecer ao animal alimentação e água em quantidades necessárias para o seu desenvolvimento. UE, EUA, Austrália, África do Sul, Argentina e México também são grandes utilizadores desse sistema de criação.

Recomposição do rebanho nacional

Atualmente, o volume de gado confinado no País e os estoques de animais acima de 36 meses em Mato Grosso seguem em queda, segundo a Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat). Os frigoríficos de grande e pequeno porte disputam preço. Os maiores, com escalas programadas, já compraram boi a termo e pressionam as cotações. Os menores entram no mercado físico e pagam preços mais altos, estabilizando as cotações.

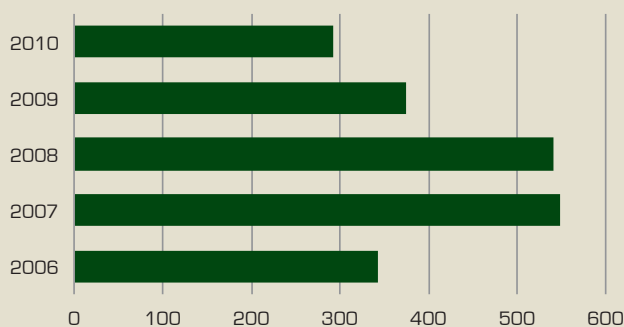
Depois dos abates acelerados de fêmeas em 2006 e 2007, a pecuária brasileira sente o reflexo da redução de bezerros, com preços elevados para animais de engorda. A recomposição do rebanho deve levar pelo menos mais tempo, com as cotações de bezerros em patamares elevados.

Levantamento da Acrimat feito em Mato Grosso mostra previsão de redução nos estoques de bovino macho acima de 36 meses para os próximos anos. O estudo levou em consideração os números oficiais de vacinação, por faixa etária, dos últimos cinco anos de campanhas feitas no mês de novembro.

O País possui condições de atender ao consumo interno, mas as exportações de carne podem recuar. Os preços e as políticas públicas definirão o destino da carne. O criador terá de avaliar se vale a pena vender o boi magro ou esperar a engorda. A produção de gado confinado exige engenharia financeira. O produtor precisa comprar o boi magro e garantir a sua venda, daqui a seis meses, com boa margem de ganho. Nos últimos dois anos, a atividade frustrou muitos pecuaristas.

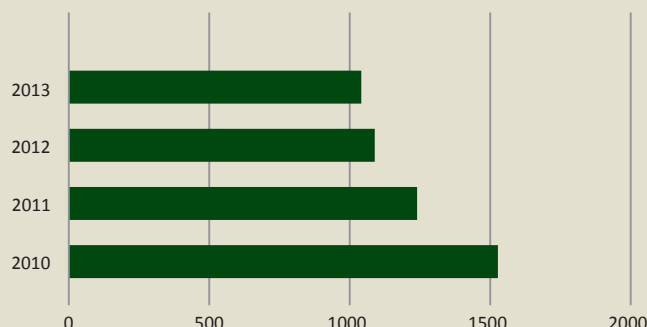
Para 2011, o Brasil estará em fase de recomposição do rebanho, ao contrário de outros grandes mercados mundiais, com preços atraentes, boa rentabilidade e aumento de animais confinados. A valorização de preços no setor pecuário aponta para a necessidade de os projetos de cria (produção de bezerros) repuserem não apenas os plantéis com vacas mais jovens, mas também aumentarem a quantidade de fêmeas.

Brasil: Confinamento de bois (mil cabeças)



Fonte: Assocon. *2010 estimativa

MT: Previsão de gado pronto para abate (mil cabeças)



Fonte: Acrimat